
POR UMA VIDA
CRISTÃ COMUM

Por uma Vida cristã Comum

Ministério Fiel

© 2016 Ministério Fiel

Conteúdo

Por uma vida cristã comum **1**

A igreja cristã comum **7**

A família cristã comum **13**

O trabalho cristão comum **19**

O pastor cristão comum **25**

Um filho cristão comum **29**

Por uma vida cristã comum

Michael Horton

Radical. Épico. Revolucionário. Transformador. Impactante. Transformador de vida. Definitivo. Extremo. Impressionante. Emergente. Alternativo. Inovador. No limite. A próxima onda. Descoberta explosiva.

Provavelmente, você pode adicionar outros termos à lista de modificadores que se tornaram, ironicamente, parte das conversas comuns na sociedade e na igreja de hoje. A maioria de nós já ouviu expressões como essas tantas vezes que elas já se tornaram um lugar-comum. Mesmo que os anúncios nos tenham deixado um pouco exaustos, estamos ansiosos para levar as coisas para "um outro nível".

"Comum" deve ser uma das palavras mais solitárias do nosso vocabulário hoje. Quem quer um adesivo de carro que anuncie para o bairro: "Meu filho é um estudante comum da escola estadual local"? Quem quer ser essa pessoa comum que vive em uma cidade comum, é um membro de uma igreja comum, tem amigos comuns e trabalha em um emprego comum? Nossa vida tem que contar para alguma coisa. Temos que deixar a nossa marca, ter um legado, fazer a diferença. Precisamos ser discípulos radicais, levar nossa fé a um nível totalmente novo. E tudo isso deve ser algo que posa ser gerenciado, medido e mantido. Temos que fazer jus ao nosso

perfil no Facebook.

E, no entanto, sinto uma inquietação crescente com esta inquietação. Alguns têm se cansado das chamadas constantes à mudança radical por meio de métodos novos e melhorados. Essas pessoas estão menos certas de que querem aderir ao próximo movimento ou trilhar novos caminhos para a grandeza. Rod Dreher observa:

Cotidianidade é o meu problema. É fácil pensar sobre o que você faria em uma guerra, ou se um furacão atingisse a cidade, se você passasse um mês em Paris, se o seu candidato ganhasse a eleição, se você ganhasse na loteria ou comprasse aquela coisa que você realmente queria. É muito mais difícil imaginar como você vai conseguir vencer o dia de hoje sem se desesperar.

Em seu livro sobre sua irmã, The Little Way of Ruthie Leming ("O pequeno caminho de Ruthie Leming"), Dreher sinaliza uma crescente sensação de cansaço com o culto ao extraordinário.

Inquietos pela próxima grande novidade

Estou convencido de que uma das razões para a nossa obsessão com o ser extraordinário é a cultura do reavivamento que moldou o protestantismo americano. Especialmente através do evangelista Charles G. Finney (1792-1875), o reavivalismo adotou uma teologia centrada no homem e encontrou métodos adequados para isso. Ao colocar a salvação nas mãos do indivíduo endurecido, o evangelista precisava de "novas medidas suficientes para induzir o arrependimento". Como Richard Hofstadter observou, "o sistema de estrelato não nasceu em Hollywood, mas no rastro das cruzadas de evangelismo". O foco não estava tanto no evangelho e nos meios

de graça apontados por Deus, mas no evangelista e em seus métodos para produzir avivamento.

O raciocínio era de que a mensagem e os métodos instituídos por Cristo eram muito fracos, comuns demais. Não é o que acontece na igreja e em casa durante toda a semana que realmente importa, mas sim o dia em que o reavivamento chegou à cidade e você foi "gloriosamente salvo", como minha avó costumava dizer.

Um contemporâneo de Finney, o pastor e teólogo reformado John W. Nevin, contrastou "o sistema do banco" (o precursor da chamada ao altar) e "o sistema do catecismo":

A antiga fé Presbiteriana, na qual nasci, foi baseada na ideia de uma religião da família da aliança, em membresia na igreja por um ato santo de Deus através do batismo e em seguida em uma formação catequética regular do jovem, com referência direta a sua vinda à mesa do Senhor. Em suma, tudo procedia da teoria de uma religião educacional e sacramental.

Estes dois sistemas, Nevin concluiu, "envolvem, no fim das contas, duas teorias diferentes de religião". A conclusão de Nevin foi justificada pelos desenvolvimentos subsequentes.

Perto do fim do seu ministério, ao considerar a condição de muitos que tinham experimentado seus reavivamentos, o próprio Finney se perguntou se esse anseio sem fim por experiências cada vez maiores poderia levar à exaustão espiritual. Suas preocupações se mostraram fundamentadas. A área onde os avivamentos de Finney foram especialmente dominantes agora é chamada por historiadores de o "distrito incinerado", um lugar fértil tanto para a desilusão quanto para a proliferação de seitas esotéricas. Este tem sido o ciclo vicioso do reavivalismo evangélico desde então: um pêndulo entre o entusiasmo e desilusão, em vez de amadurecimento

constante em Cristo através da participação na vida comum da comunidade da aliança.

Se o crescimento gradual em Cristo é trocado por uma experiência radical, não é de se estranhar que muitos comecem a procurar a próxima grande novidade assim que a mais recente experiência marcante se vai. Mesmo em minha própria vida, eu testemunhei (e participei de) um desfile de movimentos radicais. E agora, de acordo com a revista Time, o "novo calvinismo" é uma das principais tendências que estão mudando o mundo. Este movimento também tem sido identificado como dos "jovens, inquietos e reformados". Mas, enquanto ele for definido pela inquietação juvenil, ele pode tender a deformar o que significa ser reformado.

Quando eram pescadores mais jovens, meus filhos não conseguiam deixar suas linhas na água tempo suficiente para pegar qualquer coisa viva. Eles ficavam sempre recolhendo a linha para ver se tinham apanhado algo. Então, quando quiseram plantar morangos com minha esposa, seu entusiasmo inicial logo se transformou em tédio quando, depois de apenas alguns dias, não viram qualquer fruto.

Ser jovem é ser inquieto. Ficamos perdidos em devaneios impacientes e impulsos egoístas. Mas somos chamados várias vezes no Novo Testamento a crescer, a amadurecer, a deixar nossas coisas de menino. Somos chamados a submeter-nos aos mais velhos, a apreciar a sabedoria que não abrange apenas anos, mas gerações, e a perceber que não temos todas as respostas. Nós não somos as estrelas de nosso próprio filme. Se todo o aparato da vida da igreja for projetado por e para uma cultura jovem, então nós nunca cresceremos.

Então, pelo menos de certa forma, a nossa inquieta impaciência com o comum não é apenas influência de nossa cultura,

mas também influência de pontos de vista pouco sólidos do discipulado cristão que moldaram a cultura ao longo de gerações. Renovando o respeito pelo comum

Antes de mais nada, qualquer renovada apreciação pelo comum começa com Deus. É claro que Deus dificilmente pode ser considerado "comum", contudo, ele tem prazer em trabalhar de formas comuns. Nosso Deus trino poderia fazer tudo sozinho, direta e imediatamente. Afinal, ele disse: "Haja luz", e houve luz (Gn 1.3). No entanto, ele também disse: "produza a terra relva". E "a terra, pois, produziu relva" (v. 12). Deus não é menos fonte última da realidade quando está trabalhando dentro da criação para que ela "produza" seus propósitos do que quando está diretamente chamando as coisas à existência.

Na Providência, a forma comum de Deus trabalhar deve nos surpreender com admiração. O que poderia ser mais comum do que o nascimento de uma criança? Não precisamos chamá-la de milagre para nos admirarmos com a obra de Deus. Mesmo a forma de trabalho normal de Deus é estupenda. Embora os profetas e apóstolos tenham sido chamados para um serviço extraordinário, eles eram pessoas comuns que comunicavam a Palavra de Deus em linguagem comum.

Vemos essa diversidade até mesmo na Encarnação. Deus assumir nossa carne no ventre de uma virgem não é nada menos que uma intervenção direta e milagrosa na história. Ainda assim, ele assumiu sua humanidade a partir de Maria pela forma comum, por meio de uma gravidez normal de nove meses. O parto do Deus encarnado tampouco foi de forma milagrosa. Ele também cresceu em aspectos comuns, através de meios comuns: "E crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2.52).

Além disso, o milagre extraordinário do novo nascimento

vem até nós do alto, mas somos unidos a Cristo através da pregação comum do evangelho. Algumas conversões são radicais, outras são graduais. Em quaisquer casos, é obra milagrosa de Deus através dos meios comuns de graça.

Em todas estas formas, Deus é o ator, mesmo quando age por meio de suas criaturas. Nós não subimos até Deus; antes, ele desce até nós e nos comunica graça através de palavras e ações que podemos compreender.

Comum não significa medíocre. Atletas, arquitetos, filantropos e artistas podem atestar a importância da fidelidade diária em tarefas mundanas para que se chegue à excelência. Porém, mesmo que não sejamos pessoas de destaque em nossos vários chamados, é suficiente saber que somos chamados por Deus para manter uma presença fiel em seu mundo. Nós olhamos para Deus com fé, e para o nosso próximo com amor e com boas obras. Você não precisa transformar o mundo para ser fiel como mãe, pai, irmão, membro da igreja ou vizinho.

E, quem sabe? Talvez, se descobrirmos as oportunidades do comum, um carinho pelo familiar e uma admiração pelo ordinário, podemos acabar sendo radicais, afinal.

–

Tradução: João Paulo Aragão da Guia Oliveira

Revisão: Yago Martins

A igreja cristã comum

Sean Michael Lucas

Ao longo de sua história, a igreja tendeu a se enxergar como extraordinária. Por exemplo, no período medieval, a igreja era um lugar extraordinário à parte do mundo, o sagrado separado do profano, o lugar de salvação, a detentora dos mistérios do céu.

A igreja continha pessoas extraordinárias: monges e freiras, padres e bispos e, acima de tudo, o Papa como representante de Cristo na terra. Essas pessoas extraordinárias eram as que tinham chamados para o ministério; todas as outras simplesmente trabalhavam. Além disso, a igreja tinha meios extraordinários: sacramentos que transmitiam graça pela operação dos próprios rituais. Enquanto monges e místicos realizavam feitos poderosos e alimentavam os leigos com alimento celestial, alguns dos extraordinários alcançavam a santidade, enquanto os comuns ansiavam pela libertação final do pecado e um vislumbre de Deus no céu.

Para aumentar o aspecto extraordinário da igreja e de seus agentes mais santos, os próprios edifícios da Igreja foram construídos com o altar extraordinário na extremidade do santuário separado das pessoas comuns por uma cerca, tela ou grade. A divisão era desenhada novamente na Eucaristia, em que aos leigos era negada a chance de participar do vinho (como o sangue de Cristo), por medo do que poderia acontecer se ele fosse derramado. A igreja cristã estava cheia

de lembretes do extraordinário.

Uma das principais contribuições da Reforma e do protestantismo em geral tem sido a sua ênfase no aspecto comum da igreja. É bem certo que João Calvino aprovaria a observação de Cipriano que a igreja é a nossa mãe e que "longe de seu seio, não se pode esperar qualquer perdão dos pecados ou qualquer salvação", ou como a Confissão de Fé de Westminster ensina: "a Igreja visível [...] é o Reino do Senhor Jesus Cristo, a casa e família de Deus, do qual não há possibilidade de salvação" (25.2). A igreja é o lugar normal da graça de Deus. Entretanto, a graça de Deus não vem através de uma exibição extraordinária; em vez disso, Deus usa sua igreja comum para sustentar e nutrir crentes através de ministério, pessoas e meios comuns.

Ministério comum

Em sua igreja comum, Deus trabalha por meio do ministério comum. Os reformadores fizeram uma distinção entre os ofícios bíblicos que eram extraordinários e feitos para durar por um tempo, como apóstolos e profetas, e aqueles ofícios bíblicos que eram "comuns e perpétuos" na igreja, como presbíteros e diáconos (Ef 4.11-13; 1Tm 3.1-13; Tt 1.5-9). O ministério extraordinário de apóstolos e profetas estabeleceu a igreja (Ef 2.20), com seu ensino fundamental consistindo no cânon das Escrituras. Contudo, a partir do encerramento do cânon até o tempo presente, Deus tem usado o ministério comum e regular de presbíteros e diáconos para edificar a igreja (1Tm 3.15).

Esses presbíteros e diáconos são escolhidos pelo povo de Deus, em concordância com a própria determinação de Cristo de presentear seu povo com oficiais (At 6. 1-7,14.23; Ef 4.7-12). Longe de envolver um chamado sobrenatural ou extraor-

dinário, o chamado para o ministério comum vem através do povo de Deus procurando entre si por homens "de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria" (At 6.3). Esses homens são separados para tomar o que receberam a respeito do evangelho e passá-lo fielmente aos outros (2Tm 2.2). E, enquanto alguns desses homens farão isso em tempo integral e recebendo uma remuneração (1Co 9.8-12; 1Tm 5.17), outros continuarão em seu trabalho diário como fazedores de tendas, pescadores, professores e médicos, mesmo enquanto pastoreiam o rebanho de Deus (At 18.1-4,24-28; 1Co 9.6–7). Presbíteros se dedicam principalmente à oração e ao ministério da Palavra, e diáconos a atender as necessidades físicas das pessoas, mas ambos trabalham para a edificação da igreja comum de Deus (At 6.1-7).

Este é o ministério normal através do qual Deus trabalha: presbíteros e diáconos exercendo o ministério comum em resposta ao chamado de Deus que vem através dos processos regulares da igreja. Mas a igreja avança a sua causa não só através de um ministério comum, mas também através de homens e mulheres comuns que vivem a vida diária no mundo e na igreja.

Pessoas comuns

Os reformadores insistiram que a causa de Deus no mundo avança através de pessoas comuns vivendo seus chamados em todas as áreas da vida. Ao confiar em Cristo durante seu trabalho diário, homens e mulheres fazem boas obras. Estas obras são tão boas quanto as de um pastor quando prega ou de um presbítero que ministra junto ao leito de uma mulher à beira da morte. Lutero coloca desta forma: "Se ele encontra o seu coração confiante de que agrada a Deus, então o trabalho é bom, mesmo que seja algo tão pequeno quanto apanhar

uma palha". O trabalho dos crentes é aceitável para Deus não por estar relacionado à igreja ou por possuir reputação do mundo; é aceitável porque é feito com fé, porque agrada a Deus, e porque Deus o usa para fazer prosperar seu mundo. Deus usa pessoas comuns como um reino de sacerdotes que representam e mediam graça comum para toda a criação.

Este sacerdócio de todos os crentes também muda nosso entendimento da vida comum na igreja. Uma vez que cada crente é um sacerdote diante de Deus unido ao sumo sacerdote, Jesus, a adoração de cada crente é significativa (1Pe 2.4-10). As orações das mulheres na sexta-feira são tão valorizadas e valiosas aos olhos de Deus quanto as orações do ministro no domingo. O ensino do contador na escola dominical é tão valorizado e valioso aos olhos de Deus quanto as palestras do professor de seminário. Todos os crentes têm a unção de Deus, todos são sacerdotes diante de Deus, todos são importantes na construção do reino de Deus (1Jo 2.27).

Isso não quer dizer que Deus não tenha dotado alguns mais do que outros, nem que Deus não tenha ordenado uma estrutura para sua igreja com os presbíteros chamados para pastorear o rebanho e estar aptos para ensinar (1Pe 5.1-5; Hb 13.7,17). No entanto, isso quer dizer que na igreja cristã comum, Deus usa homens e mulheres comuns como "sacerdotes para o seu Deus e Pai" (Ap 1.6), cuja adoração é significante e cujo trabalho é aceitável em Cristo.

Meios comuns

Quando essa igreja comum se reúne, homens e mulheres comuns servidos por um ministério comum, ela encontra Deus trabalhando através de meios comuns. O Breve Catecismo de Westminster se refere aos "meios ordinários de graça", como a Palavra, os sacramentos e a oração. Embora estes meios

comuns pareçam simples e até mesmo tolos para alguns, Deus os usa de maneiras poderosas, pois ele os faz "eficazes aos eleitos para a salvação" (P. 88; cf. 1Co 1.18-31).

Na leitura e especialmente na pregação da Bíblia, Deus trabalha para convencer e converter os pecadores e para convencer e confortar os santos, isto é, todos os crentes. Nos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor, Deus trabalha para confirmar sua Palavra e assegurar nossos corações através do trabalho de seu Espírito e da resposta da nossa fé. Em nossas orações, Deus opera em nossos corações e vidas ao oferecermos nossos desejos a Deus. Através de sua atuação, Deus faz com que esses meios comuns sejam eficazes para a nossa salvação (BCW, P. 89-91). Ou seja, eles nos confirmam e santificam em Cristo, enquanto aguardamos a nossa glorificação.

A igreja cristã comum não precisa das últimas modas para chamar os pecadores ou aqueles que estão em busca de algo. Ela precisa, em vez disso, desses meios ordinários, juntamente com a fé no Deus que utiliza esses meios. Certamente, uma das grandes crises em nossos dias é a crise de confiança e fé nos meios comuns de graça. Deus está nos chamando para lembrar mais uma vez que ele não precisa de experiências ou eventos extraordinários; antes, ele tem prazer em usar esses meios comuns para fazer sua obra na vida das pessoas.

Pois, quando o povo de Deus usa os meios ordinários, mesmo a pessoa menos instruída pode aprender a grande história da salvação, crescer em fé e graça, e servir como um sacerdote na casa de Deus. A Confissão de Fé de Westminster admite que nem tudo na Bíblia é simples ou claro para todo leitor da mesma, "mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios comuns, podem alcançar uma suficiente compreensão" das coisas necessárias para a salvação (CFW 1.7). Semelhan-

temente, não é preciso "revelação extraordinária" ou uma manifestação especial do Espírito para se obter garantia; pelo contrário, uma garantia infalível de salvação é alcançada "no devido uso dos meios comuns" (CFW 18.3). Tal aprendizado e segurança exigem que o povo de Deus participe de sua igreja cristã comum, dia do Senhor após dia do Senhor, a fim de usar esses meios comuns de graça.E quando nos comprometemos com esta igreja cristã comum, Deus faz coisas extraordinárias. Ele concede misericórdia e graça, ele ilumina nossas mentes e orienta nossas vontades, ele chama eficazmente e justifica, ele santifica seus filhos adotivos, e ele os leva com segurança para seu lar. Assim, Deus não nos chama para dar o primeiro lugar à conferência, podcast, livro ou revista, que são úteis, porém extraordinárias. Antes, ele nos chama a amar sua igreja cristã, bela, comprada por sangue e comum.

–

Tradução: João Paulo Aragão da Guia Oliveira

Revisão: Yago Martins

A família cristã comum

Tedd Tripp

Um dos meus filhos adultos comentou recentemente comigo que a família tradicional está acabada. Eu entendo o que ele quis dizer. A família cristã comum está quase extinta. A cultura contemporânea está redefinindo a família: o casamento gay, uma série de arranjos de vida criativos e a pressão pela aceitação da poligamia são todas agressões à família cristã. A noção de que os pais, cujo amor produz filhos, devem viver juntos no matrimônio, trabalhando em conjunto para prover um lar piedoso e estabilidade para seus filhos praticamente desapareceu como um ideal cultural.

A família cristã comum é simplesmente o povo cristão comum, vivendo nas condições comuns da vida, a partir da graça extraordinária do evangelho. E isso não é apenas para famílias com pai e mãe. Há dezenas de pais e mães solteiros que estão honrando a Deus em seus lares, e muitos avós que estão bravamente criando seus netos. Eu tenho uma nora que foi abençoada com uma mãe que, solteira, criou três filhos que agora são cristãos adultos criando seus próprios filhos. Ela constantemente lembrava seus filhos das normas bíblicas para a família: "Se você tivesse um pai, ele estaria fazendo isso, mas como você não tem, eu mesma faço". Na ausência de um marido, ela ensinou seus filhos a compreender o papel de um marido e pai na família.

Dinâmica familiar

Efésios 5 descreve a família cristã comum. Maridos são chamados a exercer liderança amorosa. Em 1Tessalonicenses 2, Paulo usa a paternidade como uma metáfora para o ministério pastoral. Ele os lembra de seu trabalho árduo e sofrimento, de como ele pregava de dia e trabalhava de noite para que não fosse um fardo para eles. Este é um maravilhoso vislumbre de liderança piedosa. Paulo entregou sua vida como um sacrifício vivo. A autoridade divina não é vista em tornar outros seus servos; autoridade divina é vista em servir, em entregar a própria vida como um sacrifício vivo.

Efésios 5 tem uma imagem igualmente atrativa da esposa. Assim como a igreja se submete a Cristo, a mulher vive sob a liderança de seu marido. Ela o ajuda a ser um líder de família bem-sucedido. Não é fácil subordinar a vida à liderança de outro, mas Efésios 5 representa isso como um chamado comum para uma esposa. Em última análise, uma esposa se entrega a Deus, esperando que Deus a abençoe ao viver sob a autoridade do marido.

Semelhantemente, Deus promete em Efésios 6 que tudo vai bem com a criança que honra e obedece a seus pais. Os pais sábios apresentam a necessidade de obediência de maneiras cativantes. Eles encorajam seus filhos, dizendo que a razão para obedecer é porque Deus deu autoridade aos pais. A obediência não é por causa de exigências dos pais, mas por causa da vontade de Deus para as crianças. No contexto da obediência, as coisas vão bem com crianças. Deus abençoa a obediência delas.

É lindo quando crianças e jovens abraçam a verdade de que os caminhos de Deus são bons. Tem sido minha alegria ver netos e netas, crianças e adolescentes comuns, que gostam de seus pais e que aceitam autoridades que os amam o suficiente

para sabiamente fornecer limites.

Eu sorri recentemente enquanto observava uma interação em nossa mesa.

Adolescente: "Pai, posso tomar um pouco de café?"

Pai: "Claro."

Pré-adolescente: "Posso tomar um pouco?"

Pai: "Não, meu filho. Acho que não."

Pré-adolescente: "Isso não é justo. Ele pode tomar café."

Pai: "Filho, eu não tenho que ser justo. Eu tenho que ser sábio."

Foi um diálogo agradável, que passou depressa. Eu sorri porque o menino mais jovem aceitou o julgamento de seu pai sem reclamar. Ele aprendeu a aceitar com alegria a autoridade de seu pai. Um dia, ele também será uma autoridade gentil e sábia. Uma vez que as dinâmicas dos relacionamentos estão sob a ordem bíblica adequada, há três chamados para a família: a família é uma escola de teologia, uma escola de relação social e uma escola para a compreensão do evangelho.

Escola de Teologia

O chamado de Deus para a vida comum é resumido nas duas tábuas da lei: "Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda sua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Marcos 12.30-31). Amar a Deus e amar ao próximo é uma boa descrição da família cristã comum.

A família como uma escola de teologia é a primeira tábua da lei. A família é o lugar para se maravilhar com a beleza de quem Deus é e para incutir nas crianças um profundo senso da glória de Deus. O salmista coloca desta forma: "Uma geração louvará a outra geração as tuas obras" (Salmos 145.4). O que

isso parece? O que você fala como uma geração que louva a Deus para a próxima? O Salmo 145 nos diz. Isso significa meditar sobre o glorioso esplendor da majestade de Deus; falar das obras majestosas de Deus; declarar sua grandeza; divulgar a fama de sua grande bondade; cantar a sua justiça; falar da glória do seu reino; falar de sua bondade; falar de seu louvor (145.4-20). O amor a Deus é insuflado quando meditamos em sua glória e bondade. As crianças não podem ser trazidas para o deleite em Deus em um vazio conceitual. E se os pais devem mostrar aos filhos a glória de Deus, eles também devem se maravilhar com Deus. A família é uma escola de teologia.

Escola de relações sociais

Amar ao próximo é a segunda tábua da lei. Isso também é um negócio de família. A vida familiar oferece oportunidades maravilhosas para mostrar o amor de Cristo aos outros. Por quê? Porque a vida familiar fornece as maiores ocasiões de conflito relacional. Tiago 4 aborda o conflito social com perguntas perceptivas: "De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?" (Tiago 4.1). Normalmente, nós procuramos fora de nós mesmos a razão para os conflitos: "ele me deixa louco", "ela riu de meus erros". Tiago vira o jogo contra nós. Ele diz que os conflitos relacionais vêm de paixões que guerreiam em nossos corações.

Nossas paixões e desejos produzem conflitos. A família é o lugar para adquirir percepção sobre os desejos que guerreiam dentro de nós e causam conflito com os outros. É o local para identificar a feiura do narcisismo. A vida familiar proporciona a oportunidade de aprender a excelência do amor sacrifical pelos outros. É um excelente lugar para aprender a verdadei-

ramente buscar os interesses dos outros.

Conflitos familiares não são interrupções indesejadas nos negócios da vida. Eles são uma parte vital de aprender a viver em amor. Família é um lugar para amar o próximo.

Escola do Evangelho

Finalmente, a vida familiar cristã comum é uma escola para o evangelho, um lugar para vivenciar a graça do evangelho. Conflitos que surgem quando nos esforçamos para viver juntos em amor mostram a nossa profunda necessidade dessa graça. Não podemos amar a Deus e ao próximo sem graça. Cristo viveu em carne humana sem pecado para nos fornecer a justiça que não poderíamos ter de nenhuma outra maneira. Ele morreu para pagar a culpa do nosso pecado, satisfazendo plenamente as exigências da lei de Deus. Mesmo agora, ele intercede por nós, para que possamos experimentar a sua graça e viver como pessoas que conheceram o perdão e podem estender o perdão uns aos outros.

A família cristã comum não é um lugar de perfeição. Nós pecamos e sofremos com os pecados dos outros. Nossos filhos pecam e sofrem com pecados. Somos tentados a resolver conflitos através da sabedoria humana, mas perdemos o benefício que eles trazem se tentarmos resolvê-los sem referência ao evangelho. Os conflitos inevitáveis da vida familiar oferecem excelentes oportunidades para sermos "uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou" (Efésios 4.32).

Os pais que entendem que também são pecadores que se deixam levar por paixões e desejos podem ter empatia com seus filhos que pecam. O pai que entende tanto o problema do pecado quanto a graça e o poder do evangelho é capaz de compreender e ajudar verdadeiramente filhos que pecam. A

experiência de ser um pecador que achou graça permite que os pais levem o poder e a graça do evangelho a seus filhos.

Os cristãos amam a ideia de famílias onde as pessoas amam e honram a Deus e vivem juntos, crescendo em graça; mas as famílias cristãs, que amam a Deus e ao próximo, não existem como uma abstração. Elas não são um ideal no mundo das ideias. As famílias cristãs comuns existem apenas quando pessoas reais, de carne e osso, entregam suas vidas como sacrifícios vivos. Essas famílias são argumentos poderosos a favor da verdade e da beleza da fé cristã.

–

Tradução: João Paulo Aragão da Guia Oliveira

Revisão: Yago Martins

O trabalho cristão comum

Tim Challies

Dos muitos legados da Reforma Protestante, poucos tiveram impacto maior e mais abrangente do que a redescoberta da compreensão bíblica sobre a vocação. Antes da Reforma, as únicas pessoas com vocação ou chamando eram as que estavam envolvidas com o trabalho da igreja em tempo integral: monges, freiras ou padres. Como Gene Veith escreve no livro Deus em Ação (publicado Brasil pela editora Cultura Cristã:

As ocupações comuns da vida, como ser um agricultor ou ajudante de cozinha, fabricar ferramentas ou vestuário, ser um soldado ou mesmo um rei, eram reconhecidas como necessárias, porém mundanas. Essas pessoas podiam ser salvas, mas estavam atoladas no mundo. Servir a Deus plenamente, viver uma vida verdadeiramente espiritual, exigia um compromisso de tempo integral.

Ao olharem para além de tradições sem inspiração, em seu regresso à autoridade e suficiência da Palavra de Deus, os Reformadores descobriram que o ministério de tempo integral era uma vocação, mas de maneira alguma era a única vocação. Eles viram que cada um de nós possui uma vocação, e que cada vocação tem dignidade e valor aos olhos do Senhor. Todos nós podemos honrar a Deus no trabalho que fazemos.

No entanto, essa velha tradição nunca está tão longe, e se

não voltarmos constantemente à Palavra de Deus e permitirmos que ela nos corrija, logo caímos nela mais uma vez. É encorajador encontramos hoje muitos pastores e autores cristãos explorando o que significa ser um cristão comum, que faz o trabalho comum como parte de sua vida comum. É encorajador ver tais líderes afirmarem o valor de todas as vocações. As perguntas que cada cristão enfrenta em um momento ou outro são estas: os encanadores, cozinheiros, médicos e empresários cristãos são menos cristãos porque não estão no ministério de "tempo integral"? E as mães e donas de casa cristãs? Elas podem honrar a Deus, mesmo por meio de vidas muito comuns? Podemos honrar a Deus através de vidas comuns sem promover tacitamente um tipo perigoso de acomodamento espiritual? O que significa não nos conformarmos com este século e nos transformarmos pela renovação da nossa mente (Romanos 12.2) nesta área de vocação?

Como esperado, a Palavra de Deus aborda estas questões. Em 1Tessalonicenses, Paulo responde a perguntas que recebera das pessoas da igreja em Tessalônica. E, aparentemente, uma das perguntas que fizeram ao Apóstolo foi algo do tipo: Como podemos viver uma vida que agrade a Deus (cf. 4.1-12)? Eles haviam sido informados do mandato de Deus na criação: que Deus nos criou e nos colocou nesta terra para exercermos domínio sobre ela como representantes dele. Eles haviam sido informados da Grande Comissão de Cristo: que seu povo deve levar o evangelho aos confins da terra, e à medida que mais e mais pessoas saem da escuridão para a luz, devem treiná-las nas coisas do Senhor.

Essa igreja conhecia esses grandes comandos, mas se encontrava esperando orientações específicas de Paulo. Como seria viver e obedecer esses mandados da criação e da Grande Co-

missão, para pessoas comuns, em lugares e tempos comuns? Será que requer um ministério de tempo integral? Será preciso se mudar para o outro lado do globo? O que é a vida que agrada a Deus?

A resposta de Paulo é fascinante e perfeitamente consistente com a doutrina da vocação. Sua resposta aborda três questões: a moral sexual, a igreja local e o trabalho.

Vida sob controle

A primeira coisa que Paulo diz à igreja é que, se eles querem viver vidas que agradam a Deus, precisam evitar a imoralidade sexual e, ao invés, disso buscar a pureza sexual: "Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação, que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o próprio corpo em santificação e honra" (1Tessalonicenses 4.3-4). Os tessalonicenses precisavam rejeitar as falsificações mundanas do sexo e dos relacionamentos e, em lugar disso, buscar a piedade em tais áreas.

Vida em comunidade

A segunda coisa que Paulo diz a essa igreja é que, se eles se propõem a viver vidas que agradam a Deus, precisam se comprometer a amar as pessoas em suas igrejas locais: "Vós mesmos estais por Deus instruídos que deveis amar-vos uns aos outros [...]. Contudo, vos exortamos, irmãos, a progredirdes cada vez mais" (v. 9-10). Conquanto cristãos devam estender o amor a todos os homens indiscriminadamente, eles devem concentrar o seu amor especialmente sobre os irmãos e irmãs em sua igreja local.

Vida no trabalho

O terceiro ponto de Paulo é especialmente importante para o trabalho cristão comum. Ele orienta aqueles cristãos a

"diligenciardes por viver tranquilamente, cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos, como vos ordenamos; de modo que vos porteis com dignidade para com os de fora e de nada venhais a precisar" (v. 11-12). Se a Bíblia fosse dizer aos crentes que o ministério de tempo integral é uma vocação maior ou melhor, se ela fosse nos dizer que os melhores cristãos são os que vendem tudo o que possuem e se mudam para o outro lado do planeta, seria de esperar encontrarmos isso exatamente aqui; contudo, não encontramos. Encontramos algo completamente diferente.

Em 1Tessalonicenses 4, Paulo dá instruções muito simples que transcendem o tempo, a geografia e a cultura. Ele diz aos Tessalonicenses que vivam tranquilamente, cuidem do que é seu e trabalhem com suas próprias mãos. Quando ele lhes diz para viverem tranquilamente, sua intenção é que eles se contentem com serem desconhecidos e passarem despercebidos. Há um paradoxo aqui: eles devem trabalhar duro para se aquietarem, ou devem ambicionar ser livres da ambição mundana. Eles devem se contentar com a sua sorte e saber que é com esse contentamento que eles podem melhor honrar a Deus. Quando Paulo lhes diz para se cuidarem do que é deles, sua intenção é que eles se concentrem em seu próprio trabalho e evitem ser intrometidos que se ocupam com tudo, exceto com o que mais importa. E quando ele lhes diz para trabalhar com suas próprias mãos, sua intenção é que eles continuem com o trabalho em que estão envolvidos, mesmo (ou especialmente) se esse trabalho envolve serviço manual. Ele podia convocá-los a tudo isto porque o trabalho deles possuía valor intrínseco simplesmente por ser sua vocação: sua vocação dada por Deus.

Até onde sabemos, Paulo não estava escrevendo para um grupo de novos cristãos aqui. Ele não estava lhes dando as

instruções básicas para os conduzir por seus primeiros anos, até que finalmente se graduassem para coisas melhores e mais difíceis. Esta igreja parece ser forte e espiritualmente madura, e mesmo assim a palavra de Paulo a eles é muito simples: vocês honram e glorificam a Deus através de suas vidas perfeitamente comuns.

Vida em missão

No caso da instrução não ser suficiente, e antes de passar para outros assuntos, Paulo explica a importância e o efeito de fazer essas coisas bastante simples. Ele quer que eles façam isso "de modo que vos porteis com dignidade para com os de fora e de nada venhais a precisar" (4.12). Aqui Paulo mostra que os cristãos vivem os desejos de Deus para eles através de seus trabalhos comuns e suas vidas comuns. Esta vida tranquila, esta vida de cuidar do que é próprio e trabalhar duro, permite-lhes cumprir a Grande Comissão. Afinal, se eles fazem essas coisas, se buscam a pureza sexual, se amam e trabalham duro, Paulo lhes assegura que estarão caminhando corretamente diante dos de fora. E não apenas isso, mas estarão também exibindo amor por seus irmãos e irmãs cristãos.

Vamos ser claros: isso não é um chamado para a acomodação ou um chamado para o mínimo possível. É um chamado para ser fiel exatamente onde estamos e saber que Deus está satisfeito com o seu povo quando ele vivencia sua vida comum. Haverá alguns que são chamados para o ministério da igreja em tempo integral como sua vocação. Haverá alguns que deixarão de lado o trabalho manual, a fim de serem treinados e designados como pastores de tempo integral, dependentes do apoio de outros.

Haverá alguns que irão parar de trabalhar com as mãos para ir ao campo missionário. Isso é bom, e honra a Deus. Mas

não é uma vocação maior ou melhor, ou um caminho mais seguro para agradar a Deus. Nós agradamos a Deus, nós deleitamos a Deus, quando vivemos como pessoas comuns em vidas comuns, que usam nossas circunstâncias comuns para proclamar e vivenciar um evangelho extraordinário.

–

Tradução: João Paulo Aragão da Guia Oliveira

Revisão: Yago Martins

O pastor cristão comum

Erik Raymond

Quando você lê a palavra "comum", o que você pensa? Sinônimos frequentes incluem inexpressivo, típico, normal e ordinário. Assim que você juntar esses sinônimos a um substantivo, você chegará a conclusões: Meu dia foi típico. O filme foi inexpressivo. O show foi regular. Quando pensamos sobre o ministério pastoral, somos tentados a fazer a mesma coisa: Meu pastor é inexpressivo; bem regular, na verdade; nada de especial; ele não fala em conferências e ainda não escreveu nenhum livro. Ele é apenas… comum.

Aqui está a realidade: um pastor comum provavelmente não será estimado em uma sociedade que mede o sucesso em termos de tamanho da igreja, vendas de livros e influência nas mídias sociais. No entanto, a percepção bíblica do sucesso está ligada à fidelidade do pastor. Em outras palavras, um pastor fiel nunca é menos que um pastor comum.

Eles são peregrinos

Pastores fiéis nunca são menos do que cristãos fiéis. O apóstolo Paulo foi um exemplo disso ao exortar os coríntios: "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1Coríntios 11.1). Pedro escreve que os pastores devem ser modelos para o rebanho (1Pedro 5.3). Mas um exemplo de quê? Sendo conquistado pela mensagem transcendente do evangelho e

pela imanência da experiência do reino, o pastor percebe que é um peregrino passando por esta terra em seu caminho para a Cidade Celestial. Ele persistentemente recalibra seu coração, mente e vida para a realidade de sua união com Cristo (Colossenses 3.1-4). Ele contempla a glória de Cristo, levando à mortificação da carne e vivificação do espírito (Colossenses 3.5-17). Ele se esforça em santificação, enquanto leva o rebanho a fazer o mesmo.

Eles são missionários

Paulo lembra Timóteo de fazer "o trabalho de um evangelista" (2Timóteo 4.5). Parte deste trabalho é, obviamente, a abordagem intencional de incrédulos com o evangelho. Mas o pastor também deve equipar a congregação para pensar e agir como missionários. Afinal, a Grande Comissão é um comando para que os seguidores de Jesus reorientem suas vidas em torno de fazer discípulos de todas as nações (Mateus 28.19-21). Os pastores podem fazer o trabalho de um evangelista treinando a congregação para que fielmente, zelosamente e atrativamente anunciem Cristo para as nações e para seus vizinhos. O trabalho pastoral comum inclui ajudar as pessoas a ver a importância, o privilégio e a prioridade de viver como um missionário.

Eles priorizam a igreja local

Pedro lembra especificamente seus ouvintes de que eles devem se preocupar com o rebanho para o qual Deus os chamou (1Pedro 5.2). O primeiro chamado do pastor é sua igreja local. Como resultado, o pastor lembra que, ainda que escrever e palestrar certamente sirvam à igreja mais ampla, essas coisas nunca vão ofuscar a substância e a esfera da sua vocação para sua igreja local.

Eles conhecem as ovelhas

Jesus, o modelo e motivação para todos os pastores, nos lembra que ele conhece suas ovelhas e suas ovelhas o conhecem (João 10.14). Ao considerarem as responsabilidades de seu chamado ministerial, o pastor deve lembrar que as ovelhas estão bem no centro delas. Ele deve conhecer suas virtudes e fraquezas. Afinal, ele prestará contas por esse rebanho (Hebreus 13.17). O pastor comum sabe que ele está lá para mais do que apenas ocupar o púlpito da igreja. Ele está lá para cuidar das ovelhas.

Eles amam as ovelhas

O cristianismo comum consiste em amar uns aos outros (João 13.34-35); certamente, um pastor comum faz o mesmo. Oramos pelas ovelhas com frequência, aconselhamos quando estão se desviando, incentivamos quando estão fracas, visitamos quando estão doentes, choramos com elas quando estão sofrendo e nos alegramos com elas quando estão felizes. Alegremente, voluntariamente e sacrificialmente servimos o rebanho com vistas à sua santidade. É isso que significa seguir o modelo do amor de Cristo (Marcos 10.45; Hebreus 12.1-2; 1João 3.16). Afinal, Jesus nos amou quando não éramos agradáveis; portanto, respondemos alegremente amando aos outros.

Eles alimentam e guardam as ovelhas

Quando Jesus restaurou Pedro, ele o encarregou de ser modelo para o pastoreio comum. Parte disso foi o chamado de Pedro para alimentar e guardar as ovelhas (João 21.15-17). Pastores fazem isso ao pregar fielmente a Bíblia, semana após semana, e estabelecer uma cultura de discipulado e treinamento. Assim, o ministério do pastor mostra um grande amor por Cristo e suas ovelhas tratando fielmente do crescimento e cuidado do rebanho. O cajado do pastor tem duas extremidades. Com

uma, ele as reúne e alimenta, e com a outra, ele as protege dos lobos. Esse é o trabalho comum do pastor.

Quando os pastores levantam a cabeça da rotina diária e veem outros homens falando em conferências, escrevendo livros e dando entrevistas, eles podem ficar desanimados. No entanto, o pastor precisa lembrar que, ao passo que escrever, falar e outras atividades feitas fora do âmbito da sua igreja local podem certamente servir o povo de Deus, estas coisas nunca irão eclipsar a substância e a esfera da sua vocação para sua igreja local. Ele deve persistir em seu trabalho comum. Ele faz isso cuidando de seu próprio coração, fazendo o trabalho de um missionário, e apascentando o rebanho. Através deste trabalho comum, ele cumpre sua vocação extraordinária.

–

Tradução: João Paulo Aragão da Guia Oliveira

Revisão: Yago Martins

Um filho cristão comum

R. C. Sproul Jr.

Ficou bastante na moda, em alguns círculos estes dias, condenar a ascensão na igreja do que chamamos de "culto à personalidade", e com razão. Um grupo cada vez maior, consumido pelo consumo de ensino teológico e bíblico através de meios de comunicação diversos, enfrentará a tentação de elevar certas vozes, tomar partido, defender bandeiras e oferecer lealdade cega a uma marca cuidadosamente elaborada. Nós escolhemos nossos líderes de culto talvez por gostarmos de sua perspectiva teológica, talvez por gostarmos de seu estilo de ensino. Pode ser que nosso líder defenda nossa causa favorita. Ou pode ser simplesmente seu encanto. Por sermos fábricas de ídolos, cercamo-nos deles.

Esse problema, é claro, não é novo. O Novo Testamento não apenas conheceu sua cota de autoproclamados "superapóstolos", como ainda tinha alguns homens perfeitamente humildes e piedosos que as pessoas colocavam em um pedestal: "Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas" (cf. 1Coríntios 1.12) não é um julgamento sobre Paulo, Apolo ou Pedro, mas sobre aqueles que fizeram deles ídolos. Suspeito que o problema permaneça conosco hoje porque cair nele, na verdade, traz um parentesco próximo com algo para o qual a Bíblia realmente nos chama: seguir o exemplo daqueles que são nossos superiores espirituais. Paulo, afinal, nos chama a

imitá-lo como ele imita a Cristo (1Coríntios 11.1).

O verdadeiro problema é que nossos padrões estão desregulados. Embora não haja nada de errado em ter uma perspectiva teológica sadia ou estilo de ensino agradável, em defender causas importantes ou mesmo em ter algum encanto, estas não são razões boas e bíblicas para erguer um homem como exemplo para nós. A Bíblia nos dá uma lista do que procurar nos homens a quem devemos admirar. Essas coisas podem ser encontradas na primeira carta de Paulo a Timóteo (3.1-7), ou em sua carta a Tito (1.5-9), onde ele descreve as qualidades de um bispo (ou presbítero). Os padrões aqui não são tão glamorosos. Um presbítero é o marido de uma só mulher. Ele não é dado a muito vinho. Ele é sóbrio, não violento. Ele governa a bem a sua própria casa.

Muitos anos atrás, o Ministério Highlands, assim como o Ligonier antes dele, costumava acolher estudantes para longos períodos de estudo. Esses estudantes muitas vezes ficavam em minha casa. Eu suspeito que muitos dos jovens que se inscreveram pensavam algo do tipo: "Eu não fui convidado para estudar com o meu herói, R. C. Sproul. Mas eu posso estudar com alguém que tem o mesmo herói, que viveu e estudou com ele: R. C. Sproul Jr.". Eu suspeito que muitos destes jovens se viam no caminho da grandeza. Então, eu jogava com isso.

Quando nos encontrávamos pela primeira vez, eu lhes perguntava: "Você quer fazer uma diferença no reino? Você quer ter um impacto duradouro, por várias gerações? Você quer fazer grandes coisas para fazer avançar a causa de Cristo?". A esta altura, eles já estavam na beirada da cadeira, acreditando que estavam prestes a ouvir o segredo que vieram descobrir.

"Tudo bem", eu dizia, "vou lhe dizer como fazer isso. Está

vendo aquela mulher lá dentro?". Eu apontava para a cozinha, onde minha amada esposa estava trabalhando duro. "Sim, sim, vejo", eles respondiam. "Eis o que você precisa fazer", eu dizia. "Encontre uma mulher piedosa assim, case-se com ela, e então crie filhos piedosos". Eles ficavam ainda mais ansiosos, esperando o truque final; e eu me recostava de volta em minha cadeira, já tendo finalizado.

É um truísmo dizer que quanto mais você se anima com algo, mais disso você terá. Quando derramamos elogios sobre os homens por sua genialidade, suas realizações acadêmicas e suas apresentações hábeis, então devemos esperar obter mais genialidade, realizações acadêmicas e apresentações hábeis. Mas o que aconteceria se nos animássemos com aquilo que Paulo se animava? E se crêssemos em Deus o suficiente para acreditar que o poder está no comum: em maridos que amam suas esposas como Cristo ama a Igreja, em pais que educam os filhos na disciplina e admoestação do Senhor? Não teríamos mais disso?

Quando me perguntam, como acontece com frequência, 'Como foi ter R. C. Sproul como pai", minha suposição é que as pessoas estão curiosas sobre o impacto em mim de ter um pai que é teologicamente sadio, um bom comunicador, apoiador de causas bíblicas e, verdade seja dita, encantador. Meu pai é todas essas coisas, e não há nada de errado nisso. Mas o mundo e a eternidade foram transformados porque ele, juntamente com a minha mãe, criou minha irmã e eu na disciplina e admoestação do Senhor. O mundo foi mudado porque meus pais buscaram primeiro o reino de Deus e a sua justiça de maneiras comuns, em um lar comum, como pais comuns, criando filhos comuns.

Não precisamos de habilidades especiais ou oportunidades

especiais para fazer coisas extraordinárias para o reino. Precisamos apenas servir ao nosso Senhor extraordinário de maneira comum. E ele abençoa, e abençoará, esse serviço. Não precisamos de outro herói. Nós mudamos o mundo, uma fralda de cada vez. Porque dos tais é o reino de Deus.

–

Tradução: João Paulo Aragão da Guia Oliveira

Revisão: Yago Martins

ADQUIRA JÁ O LIVRO SIMPLESMENTE CRENTE

